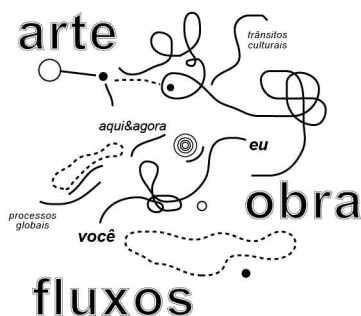




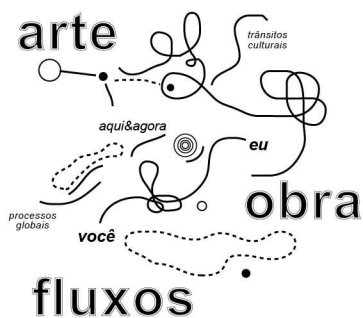
XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

A EXPOSIÇÃO “O CORPO NA CIDADE” E UMA REFLEXÃO SOBRE HISTÓRIA DA ARTE BRASILEIRA.

Paulo Roberto de Oliveira Reis

UFPR

Entendemos certas práticas de curadoria como formas de se pensar criticamente sobre questões contemporâneas da história e da historiografia da arte. Em exemplos recentes de exposições em instituições brasileiras, pudemos verificar diversificadas escolhas com relação à história da arte. Se de um lado a exposição “Encontros com o modernismo” (2006), com curadoria de Maarten Bertheux, tramou obras exponenciais do modernismo presentes no acervo do Stedelijk Museum de Amsterdam com obras de artistas brasileiros de forma a questionar narrativas canônicas da história da arte moderna no ocidente. De outro, a construção da história da arte brasileira dos anos 80 ainda não foi enfrentada de forma mais abrangente por exposições recentes como “Onde está você, geração 80?” (2004), curadoria de Marcos Lontra, “2080” (2004), curadoria de Felipe Chaimovich, e “80/90 Modernos, Pós-modernos etc.” (2007), curadoria de Agnaldo Farias, que de certa forma reforçam, ainda que pesem seus méritos conceituais, uma narrativa histórica construída através do mito da “volta da pintura”. Nesta comunicação realizaremos uma reflexão específica sobre a exposição “O corpo na cidade – performance em Curitiba” (Solar do Barão, Curitiba, 2009), curadoria de Paulo Reis, no sentido de apontar seus posicionamentos curatoriais em relação à história da arte brasileira contemporânea, suas construções narrativas e escolhas de modelos



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

historiográficos. Inferimos quatro discussões distintas, mas indelévelmente ligadas: o posicionamento contrário a uma narrativa histórica que se configure como tradição nas artes visuais forjado na performance, o subsídio da historiografia cultural da arte para manifestações artísticas ligadas ao corpo, as maneiras de se abordar um conjunto de fatos artísticos a partir de um campo cultural e geográfico determinado sem recair na afirmação identitária regional ou local e, por último, uma narrativa ampla da arte brasileira que cubra de forma mais diversa os múltiplos campos artísticos do país.

Curadoria, performance, historiografia